

## OBAMA, eles entre um velho e o novo discurso de ação

*“Minha obrigação é proteger o povo americano”*

*Presidente Barack Obama*

**Antonio Fausto Neto\***

### 1. Breve introdução

Assim como todos os discursos, o discurso político é também um discurso situado. Significa dizer que se encontra numa rede interdiscursiva, onde lá residem outros discursos que se apresentam como determinadas condições de produção para sua organização, funcionamento e possibilidades de efeitos de sentido.

Estudar, ou descrever algumas características de quatro falas do Presidente Obama, implica observar algumas pré-condições que envolvem a enunciação das mesmas, como uma das dimensões das complexas condições de produção que caucionam a sua existência..

Lembremos, assim, de modo rápido, algumas dessas pré-condições que envolvem características destas quatro falas de Obama para que possamos fazer sobre elas discorrer no âmbito destes comentários.

O Presidente – ou o seu lugar técnico-simbólico - é, por natureza, um ator que **fala**, para não dizer que se constitui em enunciações. Digamos que um dos marcos constituintes do lugar da presidência resulta da sua capacidade de enunciar falas que são endereçadas a uma multidiversidade de interlocutores. Este universo de atores e de agendas têm por trás a existência de instituições, que em graus diferentes, incidem sobre a tematização de assuntos e nos próprios modos como o presidente as enuncia, em seus discursos. Esta arquitetura” repercute sobre a agenda discursiva` do presidente e dela decorrem as condições e possibilidades que definem as escolhas de ângulos, as formas de abordagem e, especialmente, o trabalho discursivo com que ao presidente estima vincular-se com seus interlocutores, para não esquecer, a produção de efeitos presumidos por tais alocações.

---

\* Professor titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos - UNISINOS, pesquisador 1A do CNPq, autor de livros. Doutor em Ciências da Comunicação pela *École des Hautes Études en Sciences Sociales* – França.

Quando dizemos que se trata de uma “fala situada” é no sentido de compreendê-la como uma fala atravessada, por transações múltiplas que pedem intervenções, muitas das quais que se fazem através de dispositivos tecno-simbólicos. Significa dizer que estas transações fazem com que a fala presidencial esteja submetida á múltiplas injunções, transformando-se (, sem perder o seu poder discursivo), em certa medida numa espécie de um `discurso paciente`. Ou seja, está em cadeia de relações com outras falas, guardando com elas uma posição receptora. Mas também a elas se dirige, reconhecendo suas existência na figura de sujeitos transformados em coletivos como cidadãos, eleitores, audiências, públicos, etc. Também o discurso político se faz através de uma fala ativada pela instância de um corpo que é investido pelas liturgias e emblemas da função. Ao mesmo tempo, pela sua subordinação à outros corpos de saberes, tecnologias, linguagens, sem os quais o corpo do sujeito da política não pode vincular-se ao outro em tempos da “sociedade da midiatização”.

Costuma-se dizer que o `discurso coage` pelo seu eventual poder de produção de sentidos.. Mas podemos também admitir que é coagido por muitas circunstâncias que lhe afetam, enquanto condições de produção. Assim o discurso político é tecido em meio á tramas, estratégias, agendas, que lhe dão forma e substancia.

Estas breves reflexões introdutórias, apenas para situar a “corporeidade” destes “quatro discursos”, ou alguns mecanismos de um estilo discursivo. Referem-se a quatro alocações pronunciadas em tempos, contextos e conjunturas distintas, pelo Presidente dos Estados Unidos: a) o discurso de posse na presidência americana; b) o discurso da visita diplomática à sede da ONU; c) o discurso de visita a um país islâmico – o Egito; e d) o discurso dirigido ao Congresso americano no qual apresenta e defende o projeto de se governo sobre a de reforma da saúde.

## **2. Os Discursos e suas dimensões circunstanciais**

Tais falas são atravessadas por diferentes circunstâncias que tratam de situar as suas respectivas características e especificidades. Grosso modo, poderíamos chamá-las de falas que visam se constituir em acontecimentos, porque estão associadas à determinadas intenções as quais somente podem ser apresentadas e/ou argumentadas, quando explicitadas pelos protocolos discursivos. Ou seja, a força do acontecimento em geração e a possibilidade de sua inteligibilidade estão diretamente subordinadas à condição de que haja discurso, pois é pela manifestação da linguagem que a política toma forma...

Nestas condições, Obama profere duas falas para interlocutores internos, no âmbito do seu próprio país, dirigidas para duas espécies de coletivos específicos: o povo e os parlamentares. Duas outras para coletivos externos: a *assembléia da ONU* e o povo islâmico, representado pelos egípcios, a quem falou em visita à Universidade do Cairo..

Com relação aos dois discursos proferidos ao País: na primeira fala desse primeiro subconjunto, dirige-se à Nação Americana, quando profere o seu discurso de posse. A segunda é endereçada a um público mais restrito do que a Nação, embora dela se diga representante, que é o Congresso americano.. São dois tipos de discursos feitos – por forças de circunstâncias de agendas e do contexto da política interna americana – para interlocutores cujas condições de recepção daqueles discursos são norteadas por determinadas características de vínculos. Quando enuncia o marco do início do seu mandato à frente dos Estados Unidos, o Presidente profere uma espécie de “fala de celebração”. E quando se dirige ao Congresso, o faz através de “fala de convocação” através da qual pede apoio e adesão do Congresso para ações políticas de Governo. Assim, dois modelos de investimentos de fala. Na primeira, comemora, compartilha, anuncia, promete e exorta. Na segunda, argumenta, pede, cobra e persuade.

Com relação aos dois discursos proferidos no contexto externo: em um deles, o Presidente dirige-se a uma amostra de uma comunidade política, internacional, que é a sede da ONU, em cujo ambiente desenvolve uma espécie de “discurso programativo” acerca dos desafios impostos ao seu mandato, por diferentes problemáticas, no contexto internacional. Trata-se de uma enunciação também de natureza exortativa na medida em que um dos efeitos desejados por ela, visa a adesão daquele fórum político às questões expostas, ali, por ele. O segundo discurso é proferido no contexto de um ambiente universitário egípcio e perante um público particular. Junto a este coletivo, o Presidente desenvolve uma espécie de fala reflexiva, de cunho quase professoral, cujos valores abordados deseja compartilhar com seus parceiros de etnia. Convida, por uma enunciação programativa, a imensa e complexa comunidade árabe a aderir às questões suscitadas pela agenda do seu governo, no plano das relações internacionais.

Certamente, como temos argumentado, circunstâncias e problemáticas diferentes, são, dentre outros elementos, referências importantes que funcionam como “condições de produção” desses discursos. Tal aspecto nos levaria a admitir a hipótese segundo a qual o discurso presidencial seria um “discurso-paciente” dos efeitos de sentidos que se fariam produzir sobre ele como decorrência de complexas agendas que

se impõem àquelas do Governo, definindo, para não dizer desafiando, suas ações. Essa hipótese é plausível se lembrarmos que os discursos se encontram hoje entrelaçados em redes muito complexas, de modo tal que se conectariam uns com os outros, instituindo o que chamaríamos de uma ampla cena discursiva. Mas, suspeitamos que esta tessitura não seja suficiente para ofuscar algo de um traço do estilo que caracterizaria a enunciação do discurso do Presidente Obama. Assim, nossa compreensão se afastaria parcialmente da hipótese apresentada, ao reconhecer, pela análise das marcas, a existência de singularidade do estilo enunciativo desses discursos. Assim, mostraremos abaixo como se manifestariam tal singularidade. Particularmente, alguns eixos que perpassam as quatro falas? Mas também o que aparece de específico em cada uma delas?

Sabemos que, qualquer que seja o tipo de discurso, pelo menos três aspectos são mobilizados por aquele que o profere: ‘imagens’ sobre o seu próprio ‘lugar’; aquelas referentes àquele(s) a quem se dirige; e ‘imagens’ acerca do que ‘fala’, enquanto realidade instituída e/ou comentada. Como são as linguagens que instituem lugares, sujeitos e situações, há um trabalho de ordem discursiva que trata de instituir os personagens, lugares e as coisas referidas. Nessas condições, o discurso, como operação enunciativa, institui o falante e ele próprio na fala que profere, além daquilo que é efeito de sua fala. Evidentemente, que um discurso pode envolver outras operações, de acordo com a sua complexidade, principalmente, as transformações que ocorrem no discurso político contemporâneo, como efeito das injunções que se impõem sobre ele.

Mas, como é o caso discurso político – que se dirige quase sempre a parceiros e a adversários – tais dimensões acima lembradas são capitais para que se imagine supostas convicções sobre a produção de seus efeitos.

Por causa das conjunturas que relacionam a presidência com suas políticas externa e interna, observa-se que Obama elege um amplo leque de questões que se fazem presentes nas tematizações que vão nortear e identificar seus discursos.

### **3. As tematizações do Sujeito**

O presidente, ao fazer a escolha de interlocutores, entrega-se ao ‘modo de dizer’ cujas enunciações dependem também dos enunciados (conteúdos) e dos temas que suscitam. Tais alocações estão condicionadas às premissas norte-americanas, mas também a temas internacionais, e que incidem sobre políticas que envolvem àquele país, especialmente suas relações com ambientes, atores e instituições externas. : *o poder, a*

*moral, a cidadania, os direitos humanos, as relações externas dos Estados Unidos, o terrorismo, o Oriente Médio, armas e tratados nucleares, preservação ambiental, a questão climática, a liberdade religiosa, o emprego, o mundo mulçumano, os direitos da mulher, a reforma dos planos de saúde...* É normal que as tematizações sejam vastas e estejam presentes na falas presidencial, especialmente levando-se em conta que parte delas corresponde a momentos inaugurais do mandato de Obama. Porém, o que chama atenção são posições discursivas que o presidente adota para falar destes temas: a sua apresentação como líder e as associações que tratam de co-validar esta circunstância. Apresenta-se como um condutor que formula a caminhada a ser feita segundo discurso de natureza programativa, com forte dimensão exortativa, sem, contudo, apoiar-se nas asserções imperativas que são típicas das enunciações do condutor autoritário. Veremos a seguir como ele se faz apresentar.

#### **4. O presidente, entre um lugar e outro...**

Um dos eixos discursivos, diz respeito às inscrições através das quais o Presidente se instala em seus discursos. Apresenta-se na primeira pessoa quando esboça se referir à sua condição de falante e, particularmente quando associa tal posição com a sua condição de um determinado tipo de mandatário. Ou seja, o Presidente que chega; apresenta-se; pede atenção para o que vai dizer; destaca, no sentido autoral, uma certa questão; descreve ações específicas; lembra a sua condição de Chefe de Estado; agradece manifestações recebidas; profere promessas acerca de suas convicções; enumera práticas do governo, etc. Em suma, o Presidente identifica-se pela força e efeito da enunciação que tem a sua manifestação em primeira pessoa. Sabemos que aquele que diz em primeira pessoa, instala-se e aponta, irremediavelmente, a sua existência, com aquela construção.

Esta modalidade de apresentação do sujeito não o fixa apenas na pessoa pronominal em si mesma, uma vez que ela é associada a ação, por exemplo, uma promessa em alusão; reconhecimento; ou anúncio do que se propõe o sujeito. Ou seja a ação mesma do discurso traz consigo os efeitos daquilo que anuncia e também marcas que apontam a dependência do sujeito face à natureza da própria enunciação. Aponta para os efeitos daquilo que anuncia, ou as marcas da enunciação da qual o sujeito se faz dependente: *“Venho perante vocês humilde pela responsabilidade que o povo americano depositou em mim”* (discurso na ONU). Ainda: *“Apresento-me a vocês trazendo a humildade que as tarefas nos aguardam exige”* (discurso de posse).

Também anunciando compromissos: *“Estou comprometido com a diplomacia que abre caminhos para uma maior prosperidade e uma paz segura (...)”* (discurso na ONU); *“Estou honrado por estar na atemporal cidade do Cairo e ser recebido por duas notáveis instituições (...)”* (discurso na Universidade do Cairo). Ou, *“Este é o plano que estou propondo (...) E não irei aceitar o statu quo como solução (...)”* (Discurso sobre reforma da saúde). Graças as estruturas pronominais, o sujeito ao se instalar nas linguagens é por elas transformado numa pessoa que se inscreve discursiva e politicamente.

### **5. Mas, o Presidente é uma pessoa...**

O Presidente se apresenta como um outro tipo de pessoa que ultrapassa as fronteiras da pronominalidade e que está situada no ambiente da História, da raça, da religião, etc, como é a situação de milhares de americanos: *“Parte dessa convicção está arraigada em minha própria existência. Eu sou cristão, mas meu pai veio de uma família queniana que inclui gerações de muçulmanos. Quando garoto vivi vários anos na Indonésia e escutava o chamado do azaan no romper da aurora e no cair da noite. Quando jovem trabalhei em comunidades de Chicago onde muitos encontravam dignidade e paz em sua fé mulçumana.”* (discurso no Cairo). Obama vincula sua trajetória à própria caminhada dos direitos nos Estados Unidos: *“Como um afro-americano, nunca me esquecerei de que eu não estaria aqui hoje sem a firme luta por uma união mais perfeita em meu país”* (discurso na ONU). Sua história pessoal está articulada à de outras pessoas, algumas que chegaram lá e outras que estão em caminho, talvez: *“Muito se falou sobre o fato de que um afro-americano com o nome de Barack Hussein Obama pode ser eleito presidente. Mas minha história pessoal não é tão única. O sonho da oportunidade para todas as pessoas não se realizou para todos na América...”* (discurso na Universidade do Cairo). Recordar e elaborar, articulando sentidos entre história e vida pessoal: *“Esse é o cenário de nossa liberdade e de nosso credo - o motivo para que homens, mulheres e crianças de todas as raças e todas as fés estejam reunidos nesse cenário magnífico, e para que um homem cujo pai nem mesmo seria servido em um restaurante menos de 60 anos atrás possa estar diante de vocês para fazer o mais sagrado dos juramentos.”* (discurso de posse).

Trata-se de uma forma de situar sua existência no grupo, mas seu pedido de inclusão na comunidade dos interlocutores a quem se dirige requer que ‘abandone’, de certa forma, o discurso histórico. Para tanto, faz uso de outras regras e operações

enunciativas que, de fato, assegurem que determinados vínculos interpares se estabeleçam nesses contexto de interações. Assim, faz a passagem para uma outra linguagem, a do discurso político, cujas injunções se fazem presentes para que o Presidente possa se incluir no contexto em que se encontram seus interlocutores. Abandona o discurso em primeira pessoa em favorecimento do ‘nós’, que o introduz no ambiente dos coletivos. Envolve-se numa espécie de plural majestático, através de duas operações: falando de um lugar de um nós ‘exclusivo’ e, ao mesmo tempo, daquele que diz respeito a nós ‘inclusivo’.

A operação enunciativa referente ao nós ‘exclusivo’ é aquela que reúne marcas através das quais o enunciador guarda uma especificação, ou posição de proximidade, sobre aquilo que profere, tratando de deixar marcas de uma ação que sendo dele, é endereçada aos seus interlocutores, com a intenção de produzir algum tipo de efeito. Por exemplo: *“quanto a nossa defesa comum, rejeitamos como falsa a noção de que é preciso escolher entre a segurança e os nossos ideais”*. Ou: *“porque sabemos que a multiplicidade de nossas heranças é fonte de força e não de fraqueza”*.

A operação enunciativa referente ao nós ‘inclusivo’ trazem marcas que se referem a situações que ultrapassa o próprio contexto no qual fala – ou se reporta – o enunciador. Ou seja: *“Por nós, eles empacotaram suas poucas posses e atravessaram oceanos em busca de nova vida”*. Ainda: *“Por nós, elas batalharam em fábricas precárias e colonizaram o oeste, suportaram a dor das chibatadas e araram a terra sem descanso”* (discursos sobre a reforma do plano de saúde). Ou seja, refere-se a uma situação mais ampla, e que aparecendo na forma de um comentário, pode reunir a sua pessoa e ados seus interlocutores.

Ao enunciar seu discurso segundo operações de inclusão/exclusão, o enunciador-presidente enunciador faz uma “determinada manobra de passagem” com a qual visa se deslocar de uma posição distinta daquelas nas quais se encontram seus interlocutores, para com eles compartilhar valores e proposições sobre as quais o discurso trata. Ou seja, grosso modo, são espécies de “discursos de negociação”, fundados numa certa “simetria”, uma vez que o sujeito fala para parceiros e, principalmente, para aqueles a quem possa demover de posições de resistência em que se encontram, enquanto adversários .

## **6. Dos coletivos aos sujeitos**

Algo tenciona os discursos do presidente: falam de sujeitos, voltam as construções coletivas e depois regressam aos sujeitos, como possibilidade de produzir exemplos e referências com as quais didatiza suas asserções. Ou seja, pessoas são convertidas em amplos coletivos. Mediante fortes figuras de retórica - típicas do discurso político - como são especificados tais coletivos? O povo (americano) pode ser entidade mais ampla, mas também compreendido por: “homens e mulheres”; por contingentes de pessoas, como “quarenta e quatro norte americanos”, um certo tipo de geração, “atual geração americana”, “idosos da América”; alude aos **coletivos determinados**: “tropas americanas”, “nossas tropas”; lembra de determinados seres revestidos de distinções: “heróis sepultados”, “bravos norte-americanos”, “meus compatriotas”.

Outros sujeitos, entidades ,etnias e povos são designados por entidades discursivas específicas ou genéricas: “mulheres”; determinados coletivos: “jovens mulheres”, “muçulmanos e ou não muçulmanos”; “maioria muçulmana”, “comunidades muçulmanas”; qualificados por suas ações ou características de agrupamentos: “extremistas violentos”, “aliados desprovidos”, “família queniana”; como povos específicos e associados a etnias: “povo iraquiano”, “povo judaico”, “povo palestino”; sujeitos ligados à uma etnia: “palestinos”; ou confissão religiosa: “cristão”, “judeus”, “mulheres”, “líderes religiosos”. E também, como lideranças: “autoridade palestina”, “nossos predecessores”.

Tais coletivos reúnem parceiros e adversários, e o discurso presidencial, além de nomeá-los, os reconhece. Seja por afinidade, deferências, distinções, ou nomeações que qualificam, colocando, por exemplo, os adversários em outras ‘zonas de exclusões’, mantendo-os à distância, nomeações que, de alguma forma, os desqualifica ou delas se afasta, pois assim os vê. É preciso singularizá-los, é preciso dar ‘cara e corpo’ aos coletivos, trazendo sua vida para a cena discursiva, enquanto operação didática que venha a gerar os efeitos de sentidos previstos pelo discurso político. Ou seja, se o Presidente se anuncia também como uma pessoa, é preciso que fale às pessoas, com elas simetrizando-se; é preciso que as situe envoltas em algumas de suas singularidades, através, por exemplo, de evocações a registros do modo de viver delas. Significa que por outras figuras de retóricas, se põe em cena dimensões da existência do sujeito. Ou seja, o discurso faz, ele mesmo, a passagem dos coletivos aos sujeitos.

## **7. Da forma à cara...**

Quem passa a ser sujeito a quem fala, ou de quem fala o presidente, ao abandonar os coletivos, enquanto entidades discursivas como “meus compatriotas”, etc? Conforme descreveremos abaixo, são personalidades históricas evocadas e o próprio “homem ordinário”.

Os grandes temas por ele tratados, são assim co-validados por argumentos e /ou declarações de personalidades caras à personalidade americana ,conforme ele próprio recorre para fazer parte de sua estratégia discursivo-argumentativa: *“Franklin Delano Roosevelt, que morreu antes de ver sua visão para esta instituição [a ONU] se tornar realidade, colocou da seguinte forma, e eu cito: ‘a estrutura da paz mundial não pode ser o trabalho de um homem, ou de um partido, ou uma Nação... Não pode ser uma paz de grandes nações - ou de pequenas nações. Deve ser uma paz que se apóia no esforço cooperativo do mundo inteiro”* (Discurso na ONU).

Mas também se vale da experiência e da vida do homem comum, embora não identificado nominalmente, mas a partir de pistas impessoais. Suas vicissitudes servem como referências para um determinado “esgrimar argumentativo” quando defende sua proposta de plano de saúde: *“Um homem de Illinois perdeu sua cobertura no meio de uma quimioterapia, porque sua seguradora descobriu que ele havia declarado cálculos biliares que ele nem sabia que tinha. Eles atrasaram seu pagamento e ele morreu por causa disso(...) Outra mulher do Texas estava prestes a passar por uma mastectomia dupla quando sua companhia de seguro o cancelou sua apólice.(...) isso é de cortar o coração, isso é errado e ninguém deveria ser trado dessa forma nos Estados Unidos da América.”* A defesa do um plano de governo não passa por formulações abstratas, mas apóia-se em casos específicos. Não importa a identificação das pessoas e seus nomes não parecem importantes, uma vez que o que da vida delas se destaca tem a ver com vidas outras de milhares de americanos. Ou seja, o argumento se faz através de interpelações que se dirigem a coletivos e/ou entidades impessoais. Mas cada um se vê nesta posição discursiva, uma vez que o argumento do Presidente se conecta com suas problemáticas e , respectivas singularidades: *“Se **você** está entre as dezenas de milhões de americanos que atualmente não têm seguro de saúde, a segunda parte deste plano, vai finalmente oferecer a **você** opções acessíveis e de qualidade.se você perder seu emprego ou mudar de emprego, você poderá conseguir cobertura(...) Agora para aqueles **indivíduos** (...) que ainda não puderam arcar o segundo mais barato disponível nesse mercado, forneceremos créditos fiscais, do tamanho de sua necessidade(...) Agora mesmo oferecendo essas opções acessíveis,pode ainda haver*

*aqueles, principalmente os jovens e saudáveis, que queiram assumir o risco de ficar sem um plano de saúde.(...) Na verdade ,quero falar diretamente aos idosos da América por um momento(...)*”. O discurso contempla também como argumento, de referências e/ou manifestações de pessoas, cujas presenças são caras ao Presidente e ao País, especialmente à uma determinada geração de eleitores: *“Recebi uma dessas cartas há poucos dias. Era de nosso querido amigo e colega Ted Kennedy. Ele a havia escrito em maio, um pouco antes de saber que sua doença era terminal. Ele pediu que a carta fosse entregue após a sua morte(...) ele expressou confiança de que este seria o ano em que a reforma do sistema de saúde iria ser finalmente aprovada. O que enfrentamos - escreveu ele - é acima de tudo uma questão moral; em jogo, não estão apenas os detalhes de políticas, mas princípios fundamentais de justiça social e o caráter de nosso país”*. (Discurso no Congresso sobre Reforma do Plano de saúde).

### **8. O Discurso religioso como exemplo**

Ao lado da evocação dos homens simples , o Presidente usa freqüentemente referências de textos sagrados, segundo operações que visam caucionar aquilo que diz.

Seja pela forma do discurso indireto, quando não cita na íntegra o texto sagrado, mas dela fazendo uma espécie de comentário para referendar um, um outro texto: *“O Corão Sagrado ensina que quem mata um inocente, mata toda a humanidade; e quem salva uma pessoa, salva toda a humanidade”*. O discurso religioso é também referido através de outra operação complexa, como por exemplo: uma vez que o discurso feito no Cairo se dirige a uma audiência presencial (comunidades islâmicas, etc), mas também a outras que estão ausentes, mas próximas ao contexto (como judeus, cristãos, etc), Obama escolhe três citações de textos sagrados caros às diferentes fés - judaica, cristã e muçulmana. Desta feita , citando diferentes versículos ou fragmentos de salmos, em sua íntegra: *“O Talmude nos diz: Toda a Tora tem o propósito de promover a paz”*; *“A Bíblia Sagrada no Diz: Abençoados os pacifistas, pois serão chamados filhos de deus”*. Completando a tríade de discurso – referência, anuncia: *“O Corão Sagrado nos diz: ah! Humanidade, criamos homens e mulheres, e os colocamos em nações e tribos para que pudessem se conhecer”* (Discurso na Universidade do Cairo). Observa-se que o discurso volta aos coletivos nos quais os sujeitos se vêem contemplados pelas referências que o mesmo faz às suas diferentes convicções. Precisamente, pelo fato dos fragmentos deles serem citados de tal modo que permitem não só o estabelecimento de um elo entre quem o pronuncia e quem os recebe, mas, sobretudo, porque contêm as

marcas de reconhecimento que, segundo diferentes sentidos, dão forma à existência dos sujeitos receptores destas alocações. . Não só nesta alocação, mas em várias outras, o Presidente conclui seus discursos dirigindo mensagens aos interlocutores, na forma de exortação e/ou saudação religiosa: *“Obrigado e Deus os abençoe e abençoe os Estados Unidos das América”* (discurso no Congresso); *“As pessoas do mundo podem viver juntas em paz. Sabemos que essa é a visão de Deus. Agora, isso deve ser nosso trabalho aqui na terra. Obrigado, que a paz de deus esteja sobre vocês”* (discurso no Cairo); *“Com os olhos fixos no horizonte e trazendo conosco a graça do Senhor, nós carregamos conosco o precioso dom da liberdade e o entregamos em segurança às futuras gerações”* (Discurso de posse). Desta feita, dirige uma mensagem contendo o teor de suas próprias convicções (cristãs), mesmo que o significante que aponta – Deus – possa ser dinamizado segundo diferentes dimensões interpretativas que venham a ser dadas pelos receptores que lhe dão ouvidos.

### **1. O Discurso programativo e suas estratégias de exortação**

Uma das dimensões centrais dos quatro discursos estudados, diz respeito à presença neles de uma determinada modalidade de *‘discurso programativo’*, enquanto uma das possibilidades de operações enunciativas desenvolvidas pelo discurso político. Ao lado de outras tantas, como as de natureza assertiva, tal modalidade é posta em funcionamento quando o seu enunciador se propõe mas, sobretudo, propõe, a interlocutores o desenvolvimento de certas ações que constituem o ideário do seu programa de trabalho. Ela está no meio caminho entre, de um lado, as modalizações de caráter assertivo, quando o enunciador ordena, impõe ou decreta – por retóricas discursivas – ações a serem postas em ação por seus seguidores, a serviço dos objetivos do partido, da seita ou, então, como é o caso, do programa de governo. De outrop lado, das modalizações presentes no discurso de caráter analítico, o que parece ser um modelo de enunciação típico praticado no espaço parlamentar. De certa forma um dos eixos das falas do Presidente Obama se caracteriza como uma enunciação parlamentar, pois, reúne ao mesmo tempo a exposição do problema, os argumentos a serviço dos interesses em torno dos quais o problema é apresentado e, finalmente as estratégias de ação que o problema requer para seu equacionamento. Em que se traduz esta noção de uma enunciação entre duas outras? O fato da mesma tomar como referências as operações que constituem a formulação de um devir de ações possíveis e, ao mesmo tempo, as possibilidades operacionais de sua materialização.

Uma das ‘marcas’ de funcionamento da modalização programativa, são determinadas conjunções condicionais. Tais operadores tratam de associar a exequibilidade de certas ações a determinadas precondições: “*Se formos orientados por esses princípios, seremos capazes de enfrentar as novas ameaças que exigem mais esforço, e ainda mais cooperação e entendimento entre as nações(...) Se formos honestos conosco mesmo devemos admitir que não estamos cumprindo as nossas responsabilidades*” (Discurso de posse).

Uma outra marca desta modalidade são formulações que envolvem situações de admissibilidade e que são tipicamente semantizadas pela presença de verbos, como é o caso do verbo *dever*. Tal referência se faz presente, largamente, em muitos fragmentos dos discursos presidenciais abaixo mapeados, aparecendo em destaque, nos enunciados abaixo: “*A partir de hoje **devemos** nos reerguer, reencontra nossas forças e iniciar o trabalho de reconstruir a América*”. (Discurso de posse). “***Devemos** abraçar uma nova era de engajamento com base em interesses mútuos e respeito mútuo, e nosso trabalho **deve** começar agora.*” (Discurso de posse).

Diferente do discurso político de natureza autoritária, que se enuncia quase sempre pela força de asserções imperativas, o discurso de Obama enuncia sempre em primeira pessoa-singular ou o plural magestático - sua preocupação programativa. Sua construção proposicional traz também uma certa didática professoral, além de outros operadores de avaliação: o que pode /não pode ser feito, etc. “*Hoje, **proponho** quatro pilares que são fundamentais ao futuro que queremos para nossos filhos: não proliferação e desarmamento; promoção de paz e segurança; preservação de nosso planeta; e uma economia global que promova oportunidades para todas as pessoas.(..) esse **esforço precisa** começar com a determinação inabalável de que o assassinato de homens, **mulheres e crianças inocentes jamais** será tolerado. Sobre isso, **não pode** haver disputa.(...) **Precisamos** lembrar que o preço mais alto desse conflito não é pago por nós. Ele é pago pela menina israelense em Sderot que fecha seus olhos temendo eu um foguete tire sua vida á noite. Ele é ago pelo menino palestino em Gaza que não tem água limpa e nenhum país para chamar de seu.(...) Cada **sociedade deve** buscar seu próprio caminho e nenhum caminho é perfeito.*” (Discurso na ONU)

Modalizações avaliativas de situações também se destacam e pelas quais o sujeito da enunciação explicita os vínculos que tem com os enunciados em proposição. Tais modalizações de julgamento se manifestam por determinados advérbios “***Ainda acredito** que podemos substituir a aspereza pela civilidade e a paralisia pelo*

*progresso*” (Discurso de posse). Também pela expressão de um ponto de vista que expressa a natureza de uma opinião acerca de um certo problema: *“Estou convencido de que, para avançarmos, devemos dizer abertamente as coisas que mantemos nos nossos corações e que frequentemente são ditas apenas atrás de portas fechadas.(...) A primeira questão que devemos confrontar é o extremismo violento em todas as suas formas.(...) E minha obrigação é proteger o povo americano.(...)”* O convite as ações chegam mesmo a se apresentar como determinadas exortações, espécie de convite pelos quais o discurso diz o que os atores devem fazer em função de enfrentamentos de certas causas: *“Agora é a hora dos palestinos se focarem no que podem construir. A autoridade palestina deve ampliar a sua capacidade de governo(...) Os israelenses devem reconhecer que, assim como o direito de Israel não pode ser negado, o da Palestina também não.(...) É importante que países ocidentais não impeçam que seus cidadãos muçulmanos pratiquem sua religião como considerarem adequado - por exemplo, ditando quais roupas uma mulher muçulmana deve usar.(...) Todas estas coisas devem ser feitas em parceria. Os americanos estão prontos para se juntar a cidadãos e governos, organizações comunitárias, líderes religiosos e negócios em comunidades muçulmanas ao redor do mundo para ajudar nosso povo a buscar uma vida melhor”* (Discurso no Cairo). *“O mundo deve ficar unido para demonstrar que o direito internacional não é uma promessa vazia e que os tratados serão impostos”* (Discurso na ONU).

Marcas de operadores de exortação também são recuperadas em diferentes discursos, quando o Presidente convoca o interlocutor para a ação. Não se trata de uma convocação imperativa, mas que se faz pelo destaque à circunstância da operação: *“Chegou o momento de reafirmar nosso espírito duradouro; de escolher o melhor de nossa História; de levar adiante aquele precioso dom, aquela nobre idéia, transmitidos de geração a geração: a promessa divina de que todos são iguais, todos são livres e merecem uma chance de buscar sua felicidade mais plena”* (Discurso de posse). Ou, então: *“Chegou a hora de recomeçar as negociações sem precondições que tratem das questões do status permanente(...) Agora é a hora de todos nós fazermos nossa parte.”* (Discurso de posse).

O aceno à exortação é uma característica deste tipo de discurso que não se fixa apenas em suas formulações analíticas, de caráter programativa, através de diagnósticos e de considerações mais teóricas. A dimensão programativa requer estratégias de ação, mas para que ela se faça é preciso que o líder defina a natureza do seu vínculo com a

ação para qual exorta os co-cidadãos. Não basta convocar os interlocutores, mas, sobretudo conduzi-los. E, para tanto, explicitar o seu lugar, nesta modalidade de discurso, enquanto ação: “*Não sou o primeiro Presidente a se dedicar a essa causa, mas estou determinado a ser o último*” (Discurso no Congresso).

### **Notas em Conclusão**

Refletindo sobre o exercício acerca dessas quatro falas, damos conta de que muitas coisas ficaram fora, a exemplo do que sucede noutras análises nas quais não se pode dar conta de muitas das manifestações neles apresentadas.. Nossas descrições caminharam pelos textos de natureza verbal, quando se sabe que o discurso político, especialmente, que se enuncia no ambiente presidencial é portador de complexidade discursiva, pois envolve múltiplas matérias significantes. Mas, deste aspecto todos sabemos, um pouco, se levarmos em conta as ferramentas e estratégias discursivas que foram usadas e que serviram como conceito para a campanha quem levou Obama à Presidência. Claro que desta campanha muito já se escreve, mas muito ainda por ser dito.

O que nos parece pertinente destacar no fechamento deste exercício são, de modo econômico, as observações que seguem:

1. Do ponto de vista verbal os textos presidenciais têm elos com textos outros de seus antecedentes, como vimos acerca da presença neles de fragmentos de discursos de Roosevelt, algo que certamente expressa uma dimensão nova neste tipo de discurso. Procura se alicerçar em dimensões contextuais que extrapolam um discurso do presente, fazendo emergir aspectos das culturas administrativa e política dos Estados Unidos.
2. Há um certo gosto pela História das Instituições, dos povos, dos atores políticos e dos indivíduos (o homem comum) facetas e proezas que são recuperadas como estratégias discursivas para falar da história do presente, e do próprio cotidiano;
3. Também destaca-se a reverência para com o viés do discurso parlamentar, especialmente a tecnicidade de sua construção em termos de retóricas e de operações argumentativas;
4. Parece haver algo de novo nesta enunciação, e que traz suas marcas já nesta pequena mostra de textos, chamando atenção para seu caráter polifônico e suas referências com outras redes discursivas mais amplas. São os elos entre os

chamados ‘discursos de fundação’, que se referem a cultura política americana, os outros discursos presentes na biografia do presidente, especialmente aqueles que se reportam à sua cultura étnico-religiosa, e a sua sensibilidade para o relato da vida do homem ordinário. Obama é um espécie de narrador, e neste caso não deixa de ser um condutor que tece o modelo de fazer a política, em proposição aos seus co-cidadãos, pelo trabalho dos entre e inter textos.

5. Chama bastante atenção o modo como foram usadas estratégias para associar a noção do ‘Presidente formulador’ a do ‘líder condutor’. O condutor chama atenção para sua existência, mas abrindo mão de um oferta identitária abstrata. É um personagem revestido por várias marcas e que se oferece á diferentes identificações .Espelha –se , sim, em coletivos, mas especificando-os devidamente , dando-lhes vida e formatos, ou cuidando de explicar as relações de alguns-como os textos sagrados - com ,por exemplo, ao política como empreendimento. . O condutor chama atenção para si, mas é preciso cumplicizar-se com o outro, implicando-o . O faz através de um discurso convidativo, que deixa à margem o convocativo. O líder apresenta-se na condição de uma `figura paterna` que propõe, argumenta e convida, o que parece ser a essência de um modelo de conduzir. Este é distinto daquele no qual o líder político , sem poder dissociar-se de um lugar que oferece vinculações identificatorias, como é o da presidência, modeliza-o todavia, pela enunciação de estilo autoritário. Este discurso estaria abrindo a existência de um novo tempo, de um novo modo de enunciar a política, de apontar para outros vínculos entre a presidência e o povo? É cedo, mas algo estimulante para ser estudado em tempos nos quais o discurso político se faz sempre com alto grau de repetição. Certamente, que este modelo de enunciar nos obrigará a descrever com mais cuidado o discurso político para além de classificações dos dicionários especializados e das construções das pesquisas eleitorais.